

7 causas da irritação do brasileiro

A população do DF sofre diariamente os reflexos do crescimento acelerado e desorganizado. Trânsito parado, estacionamentos lotados, aeroporto sem infraestrutura, greves, transporte público deficiente, filas intermináveis nos hospitais e preços acima da média são as queixas mais frequentes

» FLÁVIA MAIA
» MARA PULJIZ
» MARCO PRATES

Quando planejou Brasília, o urbanista Lucio Costa não imaginava que, aos 51 anos, a capital estaria com tantos problemas comuns de todas as metrópoles brasileiras. Com o aumento da população e da frota de veículos, os problemas também se multiplicaram. A capital federal convive hoje com trânsito lento, saúde e transporte coletivo precários. Não existe mais horário para enfrentar engarrafamentos, filas nos hospitais, nos bancos e no metrô. Até mesmo o Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek tem sido alvo de constantes reclamações. Desde que se tornou rota de voos internacionais, a confusão se instalou no desembarque internacional. Para ver de perto os motivos da insatisfação brasileira, a reportagem do Correio percorreu 182km e se deparou com muitas reclamações.

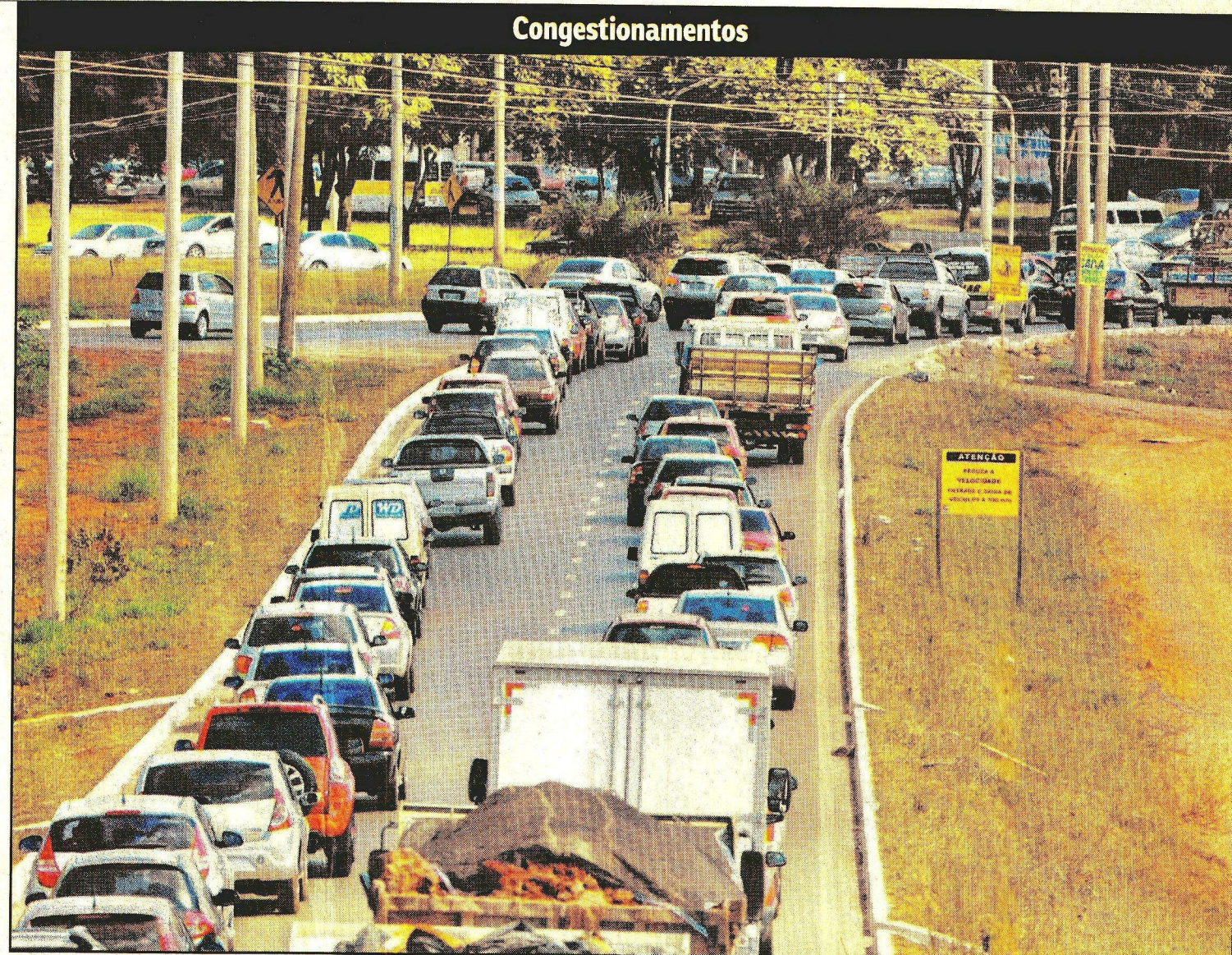
O desfalque de 168 ônibus na última sexta-feira — quando foi deflagrada operação Drakkar da Polícia Civil fez falta ao usuário. Quem precisava de condução, esperou mais tempo do que o habitual nas paradas de ônibus. Os motoristas que trafegavam pela Estrada Parque Taguatinga (EPTG) também demoraram mais para chegar aos seus destinos. Um ônibus tombado desde o último sábado na pista atrapalhava o fluxo. Muitos condutores tiveram de improvisar novos caminhos, trafegando na contramão e subindo no meio-fio. O problema, no entanto, não se restringiu ao percurso. Na hora de estacionar, o problema era encontrar vagas.

Quem deseja tirar o documento de habilitação também enfrenta um desafio. Desde a última sexta-feira, os instrutores de autoescolas paralisaram as atividades. No último sábado, 1,5 mil pessoas foram prejudicadas. O exame não ocorreu por causa da pressão dos profissionais, que reivindicam aumento salarial. Nos centros de ensino públicos, outra greve atrapalha a vida de 560 mil alunos e de suas famílias. Há mais de uma semana, os serviços prestados pelos auxiliares em educação — responsáveis pela merenda, limpeza e administração — estão comprometidos. Muitos colégios têm optado por encerrar as aulas duas horas mais cedo, causando transtorno aos pais.

Nos hospitais públicos, a situação não está menos grave. Como de costume, os pacientes enfrentam horas de espera. Ontem, no Hospital Regional de Ceilândia, algumas pessoas aguardaram mais de oito horas na fila. Uma moradora da cidade peregrinou por três unidades em busca de um diagnóstico para a filha de 22 anos. Muitos permanecem deitados nos bancos, cansados de esperar pela chegada de um médico.

Arcar com despesa na rede particular está fora de cogitação para uma grande parte da população, que, com a inflação acima de 0,58%, precisa economizar para garantir salário no fim do mês. Os preços salgados estão em todos os lugares, do supermercado, passando pelos combustíveis, aos alugueis. Brasília é uma das cidades que apresenta um dos custos de vida mais altos do país. Conheça agora os sete problemas que mais irritam os brasilienses.

Colaborou Lucas Tolentino



Congestionamentos

Caos cotidiano nas vias que cortam o DF

Foi-se o tempo em que engarrafamentos no Distrito Federal tinham local e hora para começar, além de se restringirem aos momentos de pico, como início da manhã, horário de almoço e fim da tarde. Com uma frota de 1,2 milhão de veículos para 2,57 milhões de habitantes e um crescimento de 8%, as vias ficam lotadas a qualquer horário e em diversos locais da capital. Os engarrafamentos chegam a 30km de extensão em dias sem acidentes graves ou chuva. "Eu saio de Valparaíso (GO) às 5h10 para conseguir chegar 6h50 no Setor Bancário Sul por conta do engarrafamento na BR-040", conta o manobrista Jailton Santana Caldas, 49 anos.

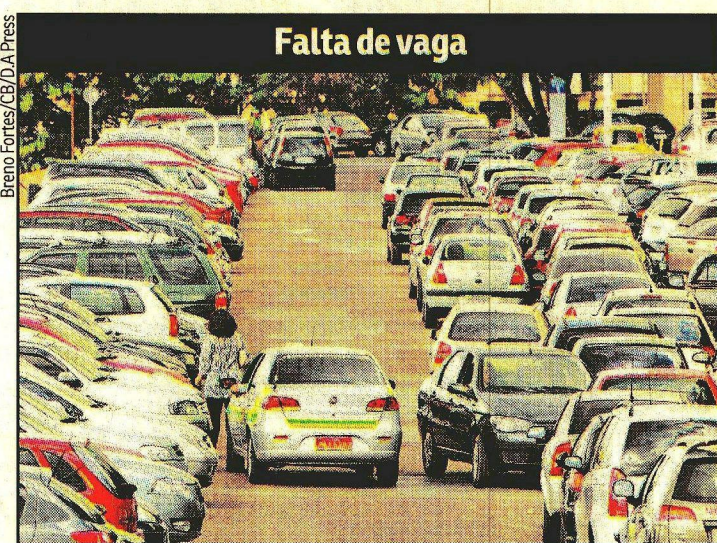
Aparar, muitos motoristas enfrentam trânsito lento diariamente. A Estrada Parque Taguatinga (EPTG), em especial no viaduto Israel Pinheiro, costuma ficar parada. "A EPTG engarrafava uns 20 minutos todo dia. Para chegar à aula no horário certo, saio de casa mais cedo", conta a estudante Ádria Neri, de 18 anos, que mora e estuda em Taguatinga. Para fugir do transtorno, o brasiliense abusa das irregularidades. Ontem, a equipe do Coreto flagrou, por volta das 11h, na EPTG sentido Taguatinga, um congestionamento causado por um caminhão tombado desde o último sábado. Para escapar, muitos motoristas atravessavam o meio-fio e mudavam de pista, davam ré em plena via e saíam na contramão.



Transporte público



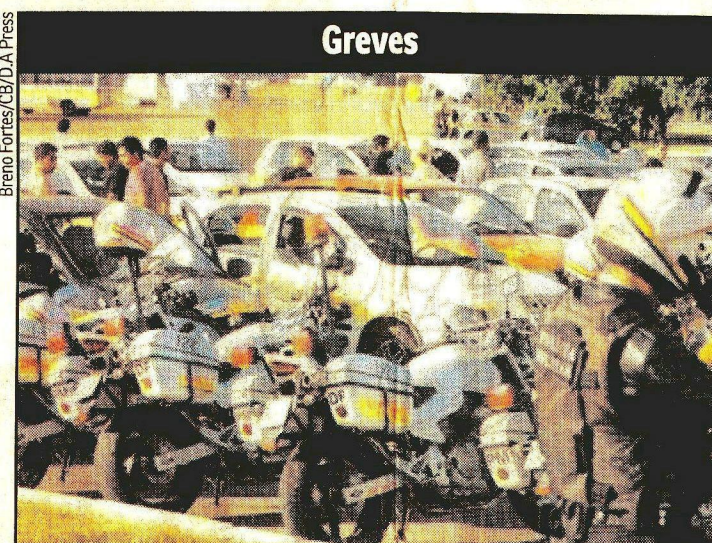
Filas



Falta de vaga



Preços



Greves



Aeroporto

Baixa qualidade

A reclamação está na ponta da língua de todo brasileiro: o transporte público da cidade é ruim. O tempo de espera, tanto nas estações de metrô quanto nas paradas, desagrada quem tem horário para chegar à escola ou ao trabalho. "Quando é para ir para Taguatinga, o ônibus demora entre 20 e 30 minutos. No caso do Plano Piloto, pode levar até uma hora", explica a estudante Mariana do Nascimento, 18 anos. Sempre lotado, independentemente do horário, o ponto não oferece bancos para quem aguarda os coletivos.

A frota velha também incomoda. De acordo com a assessoria de comunicação do Transporte Urbano do Distrito Federal (DF-Trans), atualmente, 2.980 ônibus atendem a demanda de um milhão de passageiros por dia, ou seja, uma média de 335 passageiros por veículo. Para diminuir a lotação e o tempo de espera, o DF-Trans espera pela realização de uma licitação para que sejam adquiridos mais 900 carros.

Longe das paradas, quem opta pelo metrô também reclama da demora e do elevado número de pessoas por vagão. Segundo a assessoria de im-

prensa do Metrô DF o tempo médio de espera para a linha tronco (Rodoviária do Plano Piloto — Águas Claras) é de 3 minutos e 50 segundos no horário de pico — das 6h30 às 8h30 e das 17h30 às 19h30 — e de 7 minutos e 10 segundos nos demais períodos. Já nas linhas ramais (Ceilândia e Samambaia), os intervalos são de 7 minutos e 40 segundos, quando há muito movimento, e de 15 minutos no restante do dia.

Hoje, 24 dos 32 trens da frota total operam no Distrito Federal. E, apesar de ter mais carros disponíveis, só suporta operar com 25 trens, uma vez que a tecnologia usada é a mesma desde o início da construção do metrô, em 1992. O diretor de Operação e Manutenção do Metrô, Fernando Soltero,

espera recursos do PAC Mobilidade para modernizar o sistema e inaugurar cinco novas estações — uma na Asa Norte, duas em Samambaia e duas em Ceilândia. Nenhuma licitação foi feita ainda. "Com as reformas, vamos diminuir o intervalo para 2 minutos e atenderemos 300 mil pessoas por dia", calcula o diretor, que espera estar com a obra pronta até a Copa de 2014.

Quando é para ir para Taguatinga, o ônibus demora entre 20 e 30 minutos"

Mariana do Nascimento, estudante

Espera cansativa

Aguardar por atendimento em estabelecimentos ou para pagar uma conta em banco é motivo para tirar a paciência de muita gente. Quando se espera sentado é mais fácil dominar os nervos, mas, diante de uma fila quilométrica, a irritação quase sempre é inevitável. Quem precisa de uma consulta, um exame ou uma cirurgia na rede pública de saúde, conhece bem essa rotina. Ficar doente em Brasília está entre as maiores preocupações da população. A falta de remédios, de medicamentos, de enfermeiros e de leitos em unidades de terapia intensivas (UTIs) é o principal gargalo do sistema.

Anualmente, mais de 2,3 milhões de pacientes são atendidos na emergência dos hospitais regionais. Muitas pessoas, no entanto, desistem das consultas ou morrem pela falta de atendimento adequado. A desempregada Maria Elisabete Sousa, 55 anos, relutou muito a até procurar uma unidade em busca de tratamento para a filha Lúcia Batista Sousa, 22. Há mais de uma semana, a jovem sofre com uma forte tosse, além de dores no peito e nas

costas. Preocupada com o agravamento do quadro, a moradora do Setor P Sul seguiu ontem, por volta das 4h30, para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC). Ao chegarem ao local, mãe e filha foram informadas de que não havia médicos. Em seguida, elas partiram para o Hospital Regional do Guarã, mas a busca por um diagnóstico se tornou uma peregrinação por diversas unidades de saúde do Distrito Federal. No Guarã, segundo as atendentes, os profissionais não estavam disponíveis. Já pela manhã, as duas foram então para o Hospital Regional de Samambaia (HRSam) e depois para o de Taguatinga (HRT). Em nenhum dos dois, porém, Lúcia conseguiu ser atendida. A única alternativa foi voltar para o HRC, pouco antes das 15h. "Não queria procurar hospital porque imaginava que seria assim. E o pior é que todo mundo está passando pela mesma coisa. A saúde nunca foi boa, mas agora parece que está pior", reclama Elisabete. Às 14h, após oito horas de espera, ela ainda não havia sido examinada.

A saúde nunca foi boa, mas agora parece que está pior"

Maria Elisabete Sousa, desempregada

Estacionar: desafio

Encontrar vaga para estacionar o carro em Brasília é uma tarefa complicada, que exige paciência e jogo de cintura para negociar um espaço ou simplesmente para parar em locais proibidos. Engana-se quem pensa que o problema se restringe ao Plano Piloto. Moradores de cidades como Taguatinga e Ceilândia também têm precisado se deslocar para garantir um lugar onde deixar os veículos. No centro de Taguatinga, as filas duplas e os "carros soltos" lotam os estacionamentos públicos e deixam a região intransitável. O motorista que se arrisca a entrar em algum desses espaços, tem que fazer acrobacias para conseguir manobrar o carro nos vãos estreitos deixados pelos outros automóveis.

No Setor Comercial Sul (SCS), a situação é a mesma. No centro da capital, porém, até as calçadas foram invadidas por veículos, assim como os canteiros. Nem os viadutos escapam. O que liga o SCS ao Setor de Autarquias Sul vive lotado de carros, o que reduz o espaço na pista e bloqueia o trânsito na região. Os setores bancários, tanto

Norte como Sul, também são áreas caóticas. "Depois das 10h, é impossível estacionar por aqui, e olha que eu estou com uma pessoa idosa. Até as vagas especiais estão todas ocupadas e não sei se por quem de direito", afirma o motorista particular Renato Pereira, 38 anos, que na tarde de ontem procurava uma vaga no Setor Bancário Sul. Quem aproveita o caos são os flanelinhas. Para eles, a falta de estrutura é sinônimo de dinheiro no fim do mês. "De manhã é o pior horário, sempre cheio. Mas essa confusão me proporciona, ao menos, uns 15 centesimos", conta Douglas de Lima Lisboa, 38 anos. Mesmo os estacionamentos particulares são raros no centro do Plano Piloto e de outras cidades.

Depois das 10h, é impossível estacionar por aqui (Setor Bancário Sul)"

Renato Pereira, motorista particular

Custo de vida alto

Brasília está entre as cidades mais caras do país. Gastos com alimentação, combustível, prestação de serviço e aluguel estão no topo do orçamento de boa parte dos brasilienses. Embora a inflação tenha caído de 0,86% para 0,58% no fim do mês passado, conforme pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV), os moradores do DF ainda sentem no bolso os efeitos da valorização. Preços salgados assumam nos supermercados e, para não comprometer a renda, é preciso pesquisar.

O representante comercial Sérgio Antônio da Silveira (foto), 48 anos, está entre consumidores que costumam pesquisar. Segundo o economista e professor da Universidade de Brasília (UnB) Roberto Piscitelli, Brasília tem a renda per capita mais elevada do país, mas apresenta os maiores índices de desigualdade social. Ele explica que o fato de a capital federal oferecer vagas nas carreiras mais nobres do funcionalismo público, por exemplo, faz as pessoas terem disposição assumir compromissos mais longos. Por esses motivos, os preços cobrados por aqui são mais altos. Além disso, ele cita outros fatores, como a especulação imobiliária. "A ideia de que em Brasília é muito fácil conseguir dinheiro contribui para inflacionar as coisas. Infelizmente, tem muita gente que se dispõe a pagar", explica Piscitelli.

Segundo o representante comercial Sérgio Antônio da Silveira, 48 anos, está entre consumidores que costumam pesquisar. Segundo o economista e professor da Universidade de Brasília (UnB) Roberto Piscitelli, Brasília tem a renda per capita mais elevada do país, mas apresenta os maiores índices de desigualdade social. Ele explica que o fato de a capital federal oferecer vagas nas carreiras mais nobres do funcionalismo público, por exemplo, faz as pessoas terem disposição assumir compromissos mais longos. Por esses motivos, os preços cobrados por aqui são mais altos. Além disso, ele cita outros fatores, como a especulação imobiliária. "A ideia de que em Brasília é muito fácil conseguir dinheiro contribui para inflacionar as coisas. Infelizmente, tem muita gente que se dispõe a pagar", explica Piscitelli.

É um absurdo essa diferença no valor das coisas"

Sérgio Antônio da Silveira, representante comercial

Prejuízo ao cidadão

A paralisação na oferta de serviços públicos é outro motivo que tira o bom humor dos moradores do DF. As vítimas da vez são os alunos de autoescola, que ainda não sabem quando poderão retomar as aulas de direção, suspensas desde a última sexta-feira por causa da greve dos instrutores. No último sábado, 1,5 mil pessoas foram prejudicadas. O exame não aconteceu por causa da pressão dos trabalhadores. Entre os prejudicados, está a auxiliar administrativa Areta Medeiros, 27 anos. Ela pagou 8 aulas práticas além das 20 obrigatórias para chegar à prova preparada. "Eu paguei aulas extras, mas, até remarcarem a meu exame, vou chegar despreparada, com perigo de reprovar", reclama.

A maioria das empresas desmarcou as aulas práticas durante a semana, já que um acordo com os donos das empresas parecia distante. Segundo o Detran, as autoescolas terão que arcar com a taxa de R\$ 31 para realizar um novo exame prático. "Nós disponibilizamos exames e funcioná-

rios e funcionários, se não aconteceu, foi por culpa da intransigência dos dois sindicatos, que não chegaram a um acordo", afirma o diretor-geral, José Alves Bezerra.

Nas escolas públicas, outra greve atrapalha a vida de 560 mil alunos e suas famílias. Há mais de uma semana, os serviços dos auxiliares em educação — responsáveis pela merenda, limpeza e administração das unidades de ensino — estão comprometidos. Muitos estabelecimentos optaram por terminar as aulas duas horas mais cedo por não terem como fornecer alimentos às crianças, causando transtorno aos pais. Muitos precisam sair do trabalho para buscar os filhos.

Mas a situação deve melhorar a partir de hoje. O sindicato da categoria afirma que vai cumprir decisão do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios exigindo que 50% dos profissionais permaneçam em atividade. No entendimento do tribunal, os serviços são indispensáveis para o bom funcionamento das escolas. Ontem, o GDF cancelou a reunião com a categoria para avaliar novas propostas até quinta-feira, quando está marcada nova assembleia dos auxiliares.

Paguei aulas extras, mas, até remarcarem a minha prova, vou chegar despreparada"

Areta Medeiros, auxiliar administrativa

Transtornos diários

Viajar de avião não raras vezes tem sido motivo de dor de cabeça. Cancelamentos de voo, atrasos superiores a uma hora, extravio de malas e overbooking estão na lista dos transtornos mais comuns sofridos pelos passageiros. Protestar, porém, nem sempre surte o efeito esperado e o estresse pode ser ainda maior. A reclamação mais recente no terminal internacional Juscelino Kubitschek é a demora da Polícia Federal (PF) na conferência dos dados dos passageiros no desembarque internacional. A falta de profissionais para atender a demanda pode ser a causa da lentidão. Uma Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) informou, no fim da tarde de ontem, que o problema é de responsabilidade da PF, mas a reportagem não teve retorno do órgão. Segundo a Infraero, no primeiro trimestre de 2011, 44.126 passageiros e 9.013 oriundos de voos internacionais desembarcaram no aeroporto de Brasília.

Entre os problemas mais comuns está o atraso para decolar. O servidor público Gelson Luz Heck, 46 anos, evita perder a paciência quando passa por esse transtorno. "A gente sempre tem compromisso e não dá para atrasar. Acho que a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) deveria cobrar mais pontualidade das empresas aéreas", defende. Gelson também já teve malas quebradas. "Elas chegam com as rodinhas e a alça danificadas. Na semana passada, fiquei observando como os funcionários manipulam nossa bagagem e concluí que é um verdadeiro lançamento de peso. Não tem como a mala não quebrar. A gente faz o possível para não se irritar, mas não tem jeito", protesta. "Sempre que viajo, o atraso é de, pelo menos, meia hora." O diplomata José Alves, 51 anos, faz coro. "A infraestrutura do aeroporto é muito ruim. Ele é muito pequeno para tanta gente", disse. Os atrasos também incomodam, tornam-se comuns.

A infraestrutura do aeroporto é muito ruim. Ele é muito pequeno para tanta gente"

José Alves, diplomata